

A INTERATIVIDADE E A SOBRECARGA DE TRABALHO DOCENTE NO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE A ATIVIDADE DE PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

Marcella da Silva Estevez Pacheco Guedes – UERJ

estevez.marcella@gmail.com

Introdução

O presente artigo é fruto de um recorte de pesquisa da tese de Doutorado da autora (GUEDES, 2014), intitulada: “Os Sentidos do Trabalho Docente: Atividade, Status e Experiência de Professores do Ensino Médio em uma Escola Pública do Estado do Rio de Janeiro”. Realizamos entrevistas com quinze professores de uma escola pública da rede estadual do Rio de Janeiro, localizada na zona oeste da cidade.

Na tese, analisamos as respostas dos professores a partir de três dimensões: atividade, status e experiência, de acordo com os estudos de Tardif e Lessard (2007). Para o artigo em questão, a dimensão de análise enfatizada é a atividade. Como essa dimensão não faz analisar alguns aspectos do trabalho docente? Sendo assim, a atividade é um trabalho que deve ter uma ação em um determinado contexto, em função de um objetivo, atuando sobre um material qualquer a fim de que este possa ser transformado com o auxílio de utensílios e técnicas. Fazendo um paralelo, atividade docente de ensinar significa agir na classe e na escola com o objetivo de promover a aprendizagem e a socialização dos alunos por meio da ajuda de programas, métodos, livros, exercícios, norma, dentre outros. Para esta finalidade, são considerados dois aspectos (TARDIF e LESSARD, 2007): os aspectos organizacionais (como o trabalho é organizado, controlado, segmentado e planejado) e os aspectos dinâmicos da atividade docente (interações no processo concreto do trabalho entre o professor, seus alunos, os objetivos, os recursos, seus saberes e os resultados do trabalho).

Na análise da atividade docente, consideramos, na Tese, dois aspectos: a estrutura organizacional e o desenvolvimento da atividade e é por isso que analisamos

as questões relativas ao: a) caráter interativo do trabalho docente; b) às formas de realização e organização do trabalho docente; c) à análise do tempo escolar; d) à análise dos objetivos gerais do ensino e programas escolares.

O nosso objetivo neste artigo foi fazer um recorte epistemológico para que a interatividade e a sobrecarga de professores fossem enfatizadas a fim de que pudéssemos trazer à tona as condições do trabalho docente na rede estadual do Rio de Janeiro, bem como promover um debate sobre a natureza desse trabalho, interativo por excelência e, portanto, sujeito a algumas condições básicas de atuação e desenvolvimento.

Para Tardif e Lessard (2007) existem dois pontos de vista complementares que merecem ser considerados. O primeiro ponto de vista diz respeito a considerar as estruturas organizacionais nas quais a atividade é desenvolvida, estruturas que condicionam de diversas maneiras. Isso implica enfatizar como o trabalho é organizado, controlado, segmentado, planejado, etc. O segundo ponto de vista refere-se ao desenvolvimento da atividade, ou seja, sobre as interações contínuas no seio do processo concreto do trabalho, entre o trabalhador, seu produto, seus objetivos, seus recursos, seus saberes e os resultados do trabalho. Desta forma, neste artigo, iremos enfatizar tanto a questão organizacional (sobrecarga de trabalho docente), quanto a questão do desenvolvimento do trabalho, traduzida nos níveis de interatividade presentes no trabalho dos professores.

O trabalho docente é interativo pelas pressões inerentes à interação humana e pelas relações de poder e os tipos de conhecimento que são necessários. Esse trabalho afeta diretamente as orientações e as técnicas do trabalho, as relações com os usuários, as margens de manobra e as estratégias dos trabalhadores, os recursos e os saberes dos trabalhadores, bem como o ambiente organizacional no qual se desenvolvem as tarefas (TARDIF e LESSARD, 2007).

Em nossa pesquisa foram entrevistados quinze professores, de diferentes áreas de conhecimento. A ideia inicial era entrevistarmos ao menos um professor de cada disciplina pertencente ao currículo do Ensino Médio da Rede Estadual. Essas disciplinas são: Arte, Biologia, Educação Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Língua

Estrangeira, Língua Portuguesa, Matemática, Química e Sociologia. Conseguimos entrevistar professores de quase todas as áreas. Só não conseguimos entrevistar professores de Biologia e Filosofia, pois eles estavam em greve no momento de nossa pesquisa.

O Trabalho Interativo dos Professores

Ao longo das quinze entrevistas, percebemos que o componente afetivo, presente na relação professor-aluno, ganhou destaque em todas as entrevistas. A partir de suas experiências, os professores relataram como vivenciam a relação professor-aluno, de que forma acreditam que o relacionamento entre alunos e professores deve ser e relataram as dificuldades de relacionamento já enfrentadas ao longo da profissão.

Trazemos para a análise seis falas de professores cujos comentários sobre a questão da interatividade entre professores e alunos foram os mais significativos. De uma forma geral, todos os entrevistados concordam que um bom relacionamento entre professores e alunos é essencial para a atividade docente.

Um primeiro conjunto de resposta está relacionado ao argumento de que uma boa relação entre alunos e professores é importante para a aprendizagem. Quando perguntado sobre a importância de uma boa relação entre alunos e professores, os professores responderam:

(...)Você explica, você pergunta se entenderam, uns vão sinalizar que sim, outros vão... Aí vem o que eu falei lá atrás: se eles já têm uma rejeição à sua pessoa, ele não vai dizer nunca que não entendeu! Ele não vai ver a hora de você sair da sala para entrar outro. Agora, se ele te aceita, ele vai dizer para você onde está a dúvida dele e ele vai te pedir socorro, se for interesse dele. E é isso que acontece. (Laís – Matemática)

(...)porque eles se abrem mais, ficam mais abertos ao conhecimento, entendeu? Hoje as minhas aulas... Quando eu quero, eles vão prestar atenção com certeza (...) E eles acabam acatando isso, em função, talvez, desse relacionamento que eu tenho, essa proximidade, mas há limite também... Eu também coloco limites, eu não deixo exceder

não... Sair me abraçando por aí, pela rua, tomar cervejinha pela rua: eu digo não. Carona? Eu não dou carona para aluno de forma alguma. “Vocês vieram como? De ônibus? Então têm que voltar de ônibus, entendeu?” Eu não dou essa intimidade não... Tem um limite. Eles têm que ter uma aproximação, mas com limite. É assim com os filhos, não é? Não tem que dar limites? Então, a mesma coisa. Essa é a minha relação que eu tenho com eles, entendeu? (Eduardo – História)

A primeira fala, da professora Laís, revela as estratégias utilizadas pela professora quando os alunos não compreendem a sua matéria. Fica claro que quando ela percebe que o aluno está com dificuldades em algum ponto, ela não hesita em explicar novamente ao aluno aquele conteúdo. Como já foi dito anteriormente, os alunos da escola possuem dificuldades de aprendizagem, comentadas pelos professores de matemática e física. Eles atribuem essa dificuldade à falta de base no ensino fundamental. Desta forma, percebemos que apesar de tentar seguir o currículo mínimo da disciplina, os professores tendem a parar esse planejamento para que o aluno possa entender o que ficou pendente e que precisa ser entendido de modo que o professor possa dar continuidade ao ensino dos novos conteúdos.

Pelo relato da professora Laís, a sua estratégia de retomar o conteúdo passado até que o aluno o compreenda não é uma estratégia que pode ser feita somente pela boa vontade do professor: é preciso que o aluno também aceite isso. E para aceitar essa ajuda do professor, a argumentação é a de que o professor deve ter uma boa relação com o aluno, através do diálogo, pois desta forma ele iria se sentir mais confortável para tirar as dúvidas. Para a professora, a ideia é de que quando o professor não possui essa boa relação com o aluno, esse aluno tende a não comentar sobre as suas dúvidas, o que pode prejudicar a sua aprendizagem. Desta forma, fazer com que o aluno aprenda passa pela questão da boa relação entre alunos e professores: quanto melhor essa relação, maior possibilidade do aluno aprender.

O segundo trecho em destaque, do professor Eduardo, também vai ao encontro da argumentação feita pela professora Laís: com uma boa relação, os alunos ficariam mais abertos ao conhecimento. No entanto, o professor não aprofundou essa argumentação, pois ele ofereceu maior ênfase na questão do limite que deve existir na relação professor-aluno. O professor foi bem enfático ao dizer que não gosta de intimidade com os alunos, como abraçar, dar carona, tomar cerveja juntos. Para ele é

necessário estabelecer um certo limite. Outros dois professores (Helena - Língua Portuguesa e Carlos - Física) também ressaltaram a questão do limite na relação professor-aluno. Vejamos a fala da professora Helena:

“(...) Professora, te vi bem lá no Pagodão.” Eu falo assim: “É, me viu? Só que agora não estou lá não. Estou aqui na escola, dentro de sala de aula e não quero assunto. Acabou!” Aí, depois eles falam: “desculpe foi mal, foi mal...” (...) Também acabou! Não existe esse assunto mais. Eles podem me ver, aonde eles forem. Falei: “Do portão para dentro, eu sou professora. Do portão para fora eu sou amiga de vocês. Rio igual a vocês, danço igual a vocês, bebo como vocês, brinco como vocês, entenderam? Eu tenho uma família como vocês têm. Então, não sou diferente de vocês. Agora em sala de aula, eu sou professora e vocês são alunos, vocês estão aqui para aprender e eu para ensinar.” (Helena – Língua Portuguesa)

Na fala de Helena já podemos perceber que a professora costuma encontrar alunos nos seus momentos de lazer, visto que mora no mesmo bairro que a maioria dos alunos. Ainda que possamos perceber que nesses momentos a professora Helena tem um comportamento mais liberal, se comparado ao comportamento do professor Eduardo, a professora não deixa de mencionar o limite que para ela também deve existir na relação professor-aluno.

O professor Carlos refere-se à questão da interatividade entre alunos e professores, ressaltando também a questão do limite:

(...) eu não só acredito, como eu te afirmo que não há possibilidade de estabelecer um trabalho em educação sem um bom relacionamento interpessoal. (...) Eu acho que como professor a gente pode ter um ótimo relacionamento, mas que as coisas fiquem bem pontuadas também. Na questão mesmo da educação, não é? Na questão dos limites... Eu acho que essa linha é muito tênue também. Muito perigosa. Muitos professores se perdem nessa linha. Até onde eu posso ter um relacionamento? Exemplo: eu posto uma foto minha abraçada com meu aluno? Então há uma linha divisória muito fina aí, nessa questão do relacionamento. (Carlos – Física)

Para o professor Carlos, fica bem claro que sua argumentação está voltada para a ideia de que o magistério é relacionamento. O trabalho docente lida com o ser humano e é uma via de mão dupla, pois existe o relacionamento. Professores são afetados na

relação com os alunos, assim como os alunos são afetados na relação com os professores. A ideia de Carlos está totalmente condizente com a argumentação de Tardif e Lessard (2007, p. 235) que comentam que:

a interatividade caracteriza o principal objeto do trabalho do professor, pois o essencial de sua atividade profissional consiste em entrar numa classe e deslanchar um programa de interações com os alunos. Isto significa que a docência se desenrola concretamente dentro das interações: estas não são apenas alguma coisa que o professor faz, mas constituem, por assim dizer, o espaço – no sentido do espaço marinho ou aéreo – no qual ele penetra para trabalhar.

Para o professor, o magistério é uma profissão que lida com pessoas e por isso mesmo não pode ser comparado a outras profissões que lidam com máquinas, por exemplo. A percepção do professor sobre a interatividade que existe na profissão docente revela a sua capacidade de reconhecer que seu trabalho só pode acontecer enquanto existirem os outros (os alunos).

O que fica evidente na fala do Carlos é a questão do limite, também trazida pelos professores Eduardo e Helena. Na visão de Carlos, o relacionamento entre professores e alunos é importante e necessário na profissão. No entanto, ele também comenta que esse relacionamento deve ter limites. O professor trouxe para a argumentação o fato de postar fotos em redes sociais, algo muito comum nos dias de hoje. Carlos deixa implícito que não seria conveniente um professor postar fotos abraçado com alunos nas redes sociais. Ele ainda disse que muitos professores não conseguem estabelecer limite no relacionamento com os alunos e para ele esse limite seria fundamental.

Essa questão do limite nos chamou a atenção: por que será que os professores Eduardo, Helena e Carlos reivindicaram esse limite? O que estaria por trás de todos os comentários sobre a importância do limite? Por que ele seria necessário para um relacionamento saudável entre alunos e professores?

Nas respostas dos professores, percebemos que a excessiva intimidade entre professores e alunos é criticada (Eduardo), assim como aparece a preocupação de como fazer com que esse relacionamento entre professor e aluno seja vivido de modo

saudável, sem exageros (Carlos). Temos a hipótese de que a preocupação que os professores apresentam com relação ao limite é uma tentativa de fazer com que o professor continue sendo uma figura respeitada dentro de sala de aula, que os alunos possam enxergar o professor como autoridade e como a pessoa que dita as regras do jogo, ainda que estas possam ser discutidas coletivamente. Acreditamos que para os professores, se não houver esse limite, os alunos ganham mais força na relação e a figura do professor ficaria desvalorizada nesse contexto. É preciso que o poder ainda esteja nas mãos dos professores, mesmo que a ideia seja de uma relação democrática.

Na argumentação da professora Helena percebemos claramente a defesa da ideia de demarcação de identidades: estabelece-se a necessidade de diferença: “eu sou professora”, “você é o aluno” . Na verdade, essa ideia de marcar a diferença de papéis está presente nas três falas analisadas e tem a ver com a ideia de que no relacionamento entre professor e aluno é necessário estabelecer um limite a fim de que o professor não perca a sua autoridade diante da realização do seu trabalho. Espera-se que o aluno possa sim participar ativamente do trabalho pedagógico, mas ele não pode ser a figura que comanda a relação educativa, deixando o professor em posição secundária.

Para os professores entrevistados, quem deve estar em posição de destaque é o professor. As relações pedagógicas baseadas no diálogo e no bom relacionamento interpessoal são importantes e necessárias. No entanto, aceitar a interatividade entre alunos e professores não implica aceitar que o professor perca a sua identidade de professor. Na nossa análise, os professores, ao argumentarem sobre a importância do limite, deixam claro que a figura do professor ainda deve ser respeitada e valorizada na relação pedagógica, a fim de que os alunos possam reconhecer essa “autoridade” no professor.

De fato, essa “autoridade” reivindicada pelos professores de longe seria aquela autoridade que não enxerga o aluno como elemento importante e essencial na relação pedagógica. Pelo contrário, a ideia é de que o aluno também é importante nessa relação, sendo o bom relacionamento entre alunos e professores essencial. No entanto, a identidade do professor deve estar em posição de destaque de tal modo que ele possa ser o mediador que conduzirá a interatividade entre alunos e professores.

Para Tardif e Lessard (2007), a autoridade reside no respeito que o professor é capaz de impor sem coerção aos alunos. Ela está relacionada a seu papel, à missão da qual a escola o investe, bem como à sua personalidade, seu carisma pessoal. A personalidade dos professores muitas vezes é vista como um substituto tecnológico numa profissão não fundamentada em saberes e técnicas formais, universais e intercambiáveis de um indivíduo ao outro. A personalidade, nesse caso, torna-se um elemento essencial no controle do professor sobre o seu objeto de trabalho, o que ficou em visível nas falas dos entrevistados.

Para os autores:

O professor que pode impor-se a partir do que é enquanto pessoa, que os alunos respeitam e até apreciam ou amam, este já ultrapassou a experiência mas terrível e difícil do ofício, no sentido de ser aceito pelos alunos e poder ir em frente, pois já obteve a colaboração do alunado (TARDIF E LESSARD, 2007, p. 266).

Além da autoridade, outros dois itens são considerados como tecnologia da interação pelos autores em destaque: a coerção e a persuasão. A coerção consiste em condutas punitivas reais e simbólicas desenvolvidas pelos professores na interação com os alunos em sala de aula. Tanto os professores quanto as instituições escolares fazem uso da coerção. Em sala de aula, os professores podem improvisar sinais de coerção como uma olhada ameaçadora, uma cara feia, insultos, ironia, apontar o dedo, dentre outros. As instituições podem controlar os alunos com: exclusão, estigmatização, isolamento, seleção, suspensão.

Já a persuasão é a arte de convencer o outro a fazer alguma coisa ou acreditar em alguma coisa. Ensinar é agir falando e desta forma o meio linguístico é o principal caminho da interação entre professores e alunos. As palavras fazem com o aluno aprenda e a forma como o professor fala irá influenciar o aluno a aceitar as regras do jogo. Isso só acontece se o professor conseguir persuadir o aluno para obter a sua colaboração no processo de ensino-aprendizagem.

As três ações (autoridade, coerção e persuasão) estão presentes, em maior ou menor grau, nas relações que os professores estabelecem com os seus alunos e tudo isso faz parte do contexto interativo do trabalho docente.

Uma outra fala da professora Helena traz à tona a questão da parceria que deve existir nessa interatividade:

(...) Que adianta um aluno chegar em sala de aula e encontrar uma professora de cara amarrada, uma professora que é igual a um robô? Dá uma aula igual a um robô... Eles não querem isso. Eles querem parceria. (...) Encontro, bato um papo com eles, a relação minha com eles é ótima, a gente conversa assim, porque eles são adolescentes. Eu já sou bem adulta, então o que acontece? Se eu mudar, modificar uma relação de aluno, existir aquela diferença de aluno e professor, como eles tinham antigamente... Eu não vou conseguir nada. (Helena – Língua Portuguesa)

Na fala da professora, percebe-se uma crítica a professores que somente dão aulas e não costumam estabelecer contato mais próximo com os alunos. Nesses casos, não existiria um bom relacionamento interpessoal entre alunos e professores, o que para Helena seria um caso de insatisfação do aluno ao perceber a falta de parceria na relação pedagógica.

Ter um bom relacionamento com os alunos seria importante, assim como estabelecer uma relação de mais proximidade, ainda que exista a diferença de idade e de geração (mundo adulto x mundo adolescente). Para a professora, seria adequado que o professor pudesse entrar no mundo do adolescente de modo a ter uma linguagem mais próxima. Para Helena, estabelecer uma diferença entre aluno e professor, sem essa proximidade, não iria produzir resultados bons em termos de interatividade entre professores e alunos. Seria preciso que o professor estabelecesse um contato maior com o seu aluno, garantindo assim uma boa relação.

Existe também a ideia de que a relação entre professores e alunos deve ser pautada nas especificidades de cada turma. Vejamos a fala da professora Ana:

(...) Ganhar a confiança do aluno não é você prometer coisas, você ser legal. É você ser clara e objetiva com eles. Sem impor coisas exageradas... Que às vezes você impõe

coisas que não tem a ver só pelo fato de você ser professor.(...) Cada grupo, cada grupo tem uma necessidade, uma vontade. E aí você primeiro sonda a turma, vê o que a turma é capaz de desenvolver e daí você parte para conseguir fazer um trabalho. Aí você desenvolve o seu trabalho e vai trabalhando com essa turma. De acordo, com que a turma te oferece, você oferece também. (Ana – Artes)

Para Ana, é importante que o professor seja claro e objetivo e que não imponha regras apenas pelo fato de marcar uma posição (eu sou professor, eu é que mando). Aqui temos uma clara crítica à ideia da “autoridade” do professor vivenciada de forma a não levar em consideração o outro lado do jogo: os alunos. Para essa professora, o trabalho docente deve ser pautado nas especificidades de cada turma. Essa ideia já evidencia a posição de considerar as necessidades das turmas, dos alunos (fazer coisas que o aluno goste de fazer).

Nesse exemplo e no exemplo das falas dos outros professores, reconhecemos o quanto eles consideram importante estabelecer uma boa relação com os alunos. Para os professores da escola, essa relação é fundamental para que o processo pedagógico possa ser desenvolvido de forma satisfatória, inclusive um dos argumentos é que essa boa relação possibilitaria uma melhor aprendizagem dos alunos. No entanto, percebemos que essa interatividade é vivenciada de forma peculiar, a partir da identidade de cada professor.

Mas reconhecemos nas falas dos professores analisados que a questão do limite que deve existir nessa relação entre professor e aluno é essencial para que a figura do professor seja mais valorizada no contexto do trabalho docente. Essa valorização implica reconhecer a importância do professor no contexto educativo, na relação com os seus alunos: a interatividade deve existir e o bom relacionamento também, mas a figura do professor deve ser respeitada e valorizada como uma figura importante na relação professor-aluno.

O Tempo Excessivo de Trabalho e a Sobrecarga Causada aos Professores

Ao refletirmos sobre as condições do trabalho docente nos chama a atenção o fato de os professores possuírem uma carga de trabalho cansativa devido ao seu deslocamento para mais de uma escola. Um problema que aflige os professores é a

questão da falta de tempo que a carga horária excessiva propicia aos professores, causando desmotivação e até falta de planejamento de aulas mais interessantes para os alunos.

Temos as falas de sete professores que expressam sobre a questão do tempo. Todas as falas ressaltam a carga horária excessiva. Vejamos:

(...) Exhaustiva! Por causa do nosso tempo a gente não tem tempo hábil para sentar. (...) Eu costumo brincar que ainda eu sou romântico na educação. Eu brinco com meus alunos e amigos. Eu ainda sou romântico. Ainda! Não sei até quando eu vou conseguir ser romântico. Sou menos romântico! Eu já fui mais romântico. Mas eu ainda sento em casa, abro a internet, deito. Estou na cama deitado, pego o tablet e pesquiso coisas que eu vou dar no outro dia. (...) Só que a gente faz isso fora já do nosso turno de trabalho. É tipo assim: já é no amor, no romantismo mesmo. Você já está cansado, já era para você ter deitado, era para você estar indo ao cinema, com a sua esposa, ou com seu namorado, namorada, companheiro. Era para você estar fazendo outra coisa que você deveria ter tempo (...) Corrigir prova? A gente corrige depois que o turno acaba, não é? Nenhum professor corrige prova dentro do colégio. Como é que eu vou corrigir prova se eu tenho que dar aula? (...) “Vou preparar uma aula!” Poucos ainda preparam! Te garanto isso! (Carlos – Física)

(...) Nossa! É corrida! É muito corrida! Porque assim, tem dias que eu não dou aula de manhã, dou aula todos os dias a tarde, dou aula três dias a noite, dou aula dois dias de manhã, e é assim: de um lado para o outro. Então de manhã: terça e quinta dou aula em um colégio particular. Toda a tarde aqui! Aí, venho correndo de outro bairro para cá, daqui vou correndo para esse outro bairro, correndo de novo para dar aula à noite. Então é corrido! A carga horária é muito cansativa! Justamente por conta desses deslocamentos. Se a gente pudesse ter um único local de trabalho, a gente poderia produzir muito mais, teria o tempo de planejamento. (Otília – Química)

(...) Em relação à carga horária é um pouquinho complicado porque o professor acaba trabalhando muito. Eu trabalho a semana toda, é cansativo porque o professor, ele não trabalha só em sala de aula... Ele leva muita coisa para casa. Às vezes preparar uma aula que às vezes a gente não tem tempo aqui e você tem que ficar fazendo em casa, é complicado. (Gisele – Língua Portuguesa)

(...) na verdade é cansativa porque você tem que se deslocar para várias escolas. O fato de você se deslocar de uma unidade para outra, isso cansa muito... Ainda mais eu que não moro próximo à escola. Eu moro num bairro distante (...) Então, é essa questão mesmo de estar se locomovendo, que é cansativo. (Ana – Artes)

(...) No momento está cansativa porque eu estou com três empregos... Quatro, na verdade. Estou com aluno particular. Mas assim, se eu tivesse só o Estado, tudo iria ficar mais tranquilo. (...) porque aí eu vou procurar uma outra escola e vou ficar em três escolas. Duas matrículas? Isso é ruim... É cansativo. Aqui nessa escola está ok, aqui está só segunda e quarta à tarde. Então aqui está tranquilo. Agora na outra escola, vou ver o que fazer da minha vida. (Bruna – Educação Física)

(...) É uma carga horária pesada. São cinquenta e duas horas, se eu não me engano, semanais. E isso nas instituições. Porém, professor não trabalha só no colégio. Professor chega em casa e ele tem que fazer os deveres de casa, que são: correção de prova, preparação de prova, simulado, lista. (...) Então, essa carga horária, ela extrapola, ela é um peso muito grande para nós professores. (...) É cansativa demais. (Nicholas – Química)

É bem intensa, bastante intensa. Eu trabalho todos os dias no particular, aí deixo os filhos em casa, almoço em cinco minutos e venho para cá. É bem intensa, é bem intensa. Só tem quarta-feira que eu estou em casa na parte da tarde, mas aí tiro um cochilinho e já vou fazer alguma coisa: corrigir prova, preparar prova, preparar teste, corrigir trabalho... É bem intensa. Bem intensa. (...) Ela é cansativa. Para que você tenha um retorno razoável, não tem outro jeito. (Laís – Matemática)

Os professores Carlos, Otília, Gisele, Ana, Bruna, Nicholas e Laís relataram uma realidade vivenciada pelos professores do Ensino Médio no país: a correria do dia a dia, as muitas horas de aula, o deslocamento cansativo de uma escola a outra, a maratona exaustiva de ter que corrigir trabalhos, provas, preparar aulas em casa, quando o trabalho supostamente havia “acabado”.

Além disso, Bruna (Educação Física) traz à tona uma realidade vivenciada pelos professores da rede estadual do Rio de Janeiro: o fato de não conseguirem compor sua grade horária em uma única escola, tendo que se deslocar para mais de uma ou duas escolas. Isso acontece com professores que têm uma ou duas matrículas. No caso de Bruna, são duas matrículas e ela tem que ir para outra escola para dar conta da sua carga de trabalho.

O ideal seria que houvesse turmas em apenas uma escola, no caso de uma matrícula. Mas geralmente os professores estão tendo que dar aula em três escolas diferentes e por vezes distantes uma das outras. Essa reivindicação de uma matrícula,

uma escola estava na pauta dos professores grevistas do SEPE (Sindicato Estadual dos Professores de Educação), na última greve da rede estadual, ocorrida no segundo semestre de 2013.

O tempo excessivo de trabalho, que já está fazendo parte da condição de muitos professores do Ensino Médio, tem contribuído para forjar a identidade desses professores. Os relatos dos docentes de nossa pesquisa mostram um descontentamento geral com relação à questão do tempo.

O que ficou em evidência foi o fato de os professores terem afirmado que o trabalho é por demais cansativo e para que haja um retorno financeiro desejável é necessário que se trabalhe muito. Ou seja, não haveria, nesse caso, solução para a redução de uma carga de trabalho tão exaustiva. O que a professora Otília assinalou, por exemplo, que o ideal seria que cada professor trabalhasse em apenas uma escola, o que com certeza seria a condição ideal para que fossem reduzidos os desgastes dos professores com relação ao tempo de trabalho. Podemos dizer, então, que os professores da rede estadual, que também trabalham em outras escolas, tendem a ter uma rotina de trabalho cansativa.

Além desse cansaço, o relato de Carlos sobre a falta de tempo para o planejamento, ainda que não afirmada pelos demais professores tão explicitamente, pode ser revelador da forma como esse professor experiente, que já conhece, através de sua prática, os saberes essenciais para lidar com os alunos e com o ensino dos conteúdos, vem trabalhando com os seus alunos: o saber do conteúdo e a sua experiência lhe oferecem subsídios para contornar o fato de não ter planejado a aula, fazendo com que mesmo nessa situação o professor possa oferecer os conteúdos para os alunos. A crítica que fazemos é sobre a perda de um possível aprofundamento da matéria, ou até mesmo a falta de outras estratégias de ensino que poderiam ser úteis para dinamizar o aprendizado dos alunos. Fica claro o fato de que o professor cumpre o seu papel fazendo o básico, mas não consegue ir além desse básico não por falta de desejo para fazer isso, mas sim por falta de um precioso recurso na vida de um professor: tempo.

Lessard (2006) também aponta para o fato de que no Canadá e no Quebec a carga de trabalho excessiva é fator que preocupa os sindicatos dos professores. Para o autor, essa carga comporta duas visões: o trabalho em sala de aula e o trabalho fora da classe. Para a primeira abordagem, a heterogeneidade das turmas e a dificuldade que os professores possuem em lidar com isso parece ser os fatores que causam a sobrecarga. Já com relação à segunda abordagem, o que pesa mais para o professor em seu trabalho fora da classe seria o tempo dedicado pelos professores à negociação com os outros, às reuniões, aos encontros com os pais e à participação em diversos comitês e instâncias.

No caso do nosso estudo, ficou em evidência que o trabalho fora da classe é o que mais incomoda os professores, pois eles além de trabalharem em mais de uma escola precisam ter tempo para fazer os devidos planejamentos, o que compromete o tempo livre do professor. Também percebemos a questão da heterogeneidade das turmas, mas parece que os professores conseguem lidar bem com essa dificuldade devido à sua experiência e à ênfase no bom relacionamento com os alunos, o que deixa claro que a interatividade ajuda a deixar o clima menos tenso para o professor e para o aluno, que juntos podem lidar melhor com as dificuldades (no caso do professor, que deve lidar com a turma heterogênea e no caso do aluno, que deve lidar com possíveis dificuldades de aprendizagem).

Segundo Hargreaves (1998), a intensificação do trabalho do professor faz parte de sua profissionalização, no qual o ensino está se tornando mais complexo e mais qualificado:

Os professores são retratados como sendo gradualmente controlados por programas prescritos, “currícula” obrigatórios e métodos de instrução minuciosamente programados. Mais do que isto, defende-se que o seu trabalho se intensificou cada vez mais, esperando-se que respondam a maiores pressões e se conformem com inovações múltiplas em condições que são, na melhor das hipóteses, estáveis e, na pior delas, deterioradas. (...) o profissionalismo alargado é um artificialismo retórico, uma estratégia para levar os docentes a colaborar de boa vontade na sua própria exploração, à medida que lhes vai sendo exigido cada vez mais esforço. (HARGREAVES, 1998, p. 132)

Percebemos que o autor faz uma crítica a essa intensificação do trabalho do professor, que se vê diante de muitas tarefas e exigências. Para Hargreaves (1998, p. 133), a intensificação conduz a uma redução do tempo de relaxamento durante o dia de trabalho, incluindo a ausência de qualquer tempo para almoçar. Ela também conduz a uma falta de tempo para aperfeiçoamento das destrezas e atualização profissional, além de uma sobrecarga crônica e persistente (em comparação com a sobrecarga temporária que por vezes é experimentada quando se procura cumprir os prazos de produção), reduzindo as áreas de descrição pessoal, inibindo o envolvimento na planificação a mais longo prazo e o seu controle, além de que promove a dependência em relação a materiais e conhecimentos especializados produzidos externamente. Desta forma, a intensificação provoca reduções na qualidade do serviço, devido aos saltos dados para poupar tempo. E por fim, a intensificação conduz a uma diversificação forçada do saber especializado e da responsabilidade, a qual procura ultrapassar a escassez de pessoal, o que, por seu turno, cria uma dependência excessiva em relação a saberes especializados e uma redução adicional da qualidade do serviço.

O argumento de Hargreaves (1998) sobre a perda de qualidade relacionada à intensificação do trabalho docente é pertinente e de certa forma podemos comentar que o esforço que os professores de nossa pesquisa fazem para darem conta de suas atividades em mais de uma escola pode implicar na perda desta qualidade, ainda que não tenhamos de fato verificado empiricamente tal possibilidade. As muitas demandas do trabalho, exigidas pelo Estado, a carga horária excessiva, a falta de tempo para planejamento parecem ser os principais desafios enfrentados pelos professores entrevistados. Com certeza tais desafios influenciam a atividade dos professores e a maneira como cada um deles percebe o seu trabalho.

Considerações Finais

Ainda que a pesquisa tenha sido feita em uma escola da rede estadual, localizada na zona oeste do Rio de Janeiro, acreditamos que os achados sobre a interatividade e a sobrecarga de trabalho docente retratam duas importantes características do trabalho do professor. Uma considerada positiva, a interatividade, está relacionada ao aspecto

concernente ao desenvolvimento da atividade docente. A outra característica, com tendência a ser negativa, revela o aspecto organizacional presente no trabalho docente quando são reveladas as formas de intensificação desse trabalho.

A interatividade dos professores na realização do seu trabalho docente revela idiosincrasias subjacentes às questões de subjetividades de cada professor, revelando dimensões afetivas na relação professor-aluno, o que ajuda a promover um bom processo de ensino-aprendizagem. Além disso, por ser um trabalho de interação, consideramos que tal fato deve ser visto como vantagem pedagógica, o que ajuda na valorização da docência.

Por outro lado, temos a sobrecarga do trabalho docente, que enfatiza aspectos que podem desvalorizar o trabalho do professor, revelando condições de trabalho precárias, não saudáveis e que comprometem a qualidade do trabalho docente. Se quisermos uma valorização da profissão docente, é urgente pensarmos em estratégias que promovam a interatividade como vantagem pedagógica para bons processos de ensino-aprendizagem e em formas de amenizar a sobrecarga de trabalho do professor, propiciando condições ideais para que o trabalho seja feito sem intensificação e sobrecarga. Os professores da rede estadual do Rio de Janeiro, ao vivenciarem esses dois aspectos da atividade em seu trabalho docente (interatividade e sobrecarga de trabalho), possuem condições boas de repensarem sua atividade e lutarem por melhores condições de trabalho, juntamente com a gestão escolar e o sistema estadual de educação. Não é tarefa fácil. No entanto, não é impossível resistir e reinventar a atividade do trabalho docente a partir de lógicas que valorizem cada vez mais a atividade do professor.

Referências Bibliográficas

GUEDES, M.S.E.P. Os Sentidos do Trabalho Docente: Atividade, Status e Experiência de Professores do Ensino Médio em uma Escola Pública do Estado do Rio de Janeiro. *Tese de Doutorado em Ciências Humanas – Educação*. PUC-Rio, Rio de Janeiro: Departamento de Educação, 2014.

HARGREAVES, A. *Os Professores em Tempos de Mudança – O Trabalho e a Cultura dos Professores na Idade Pós-Moderna*. Lisboa: McGraw Hill, 1998.

LESSARD, C. Regulação Múltipla e Autonomia Profissional dos Professores: Comparação entre o Quebec e o Canadá. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 44, p. 143-163, dez. 2006.

TARDIF, M; LESSARD, C. *O Trabalho Docente: Elementos para uma Teoria da Docência como Profissão de Interações Humanas*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.